Pesquisas em Geociências

<http://seer.ufrgs.br/PesquisasemGeociencias>

Regiões Urbanas Gaúchas: A População Urbana Rio-grandense no Período 1970/1980

Gisela Copstein

Pesquisas em Geociências, 17 (17): 177-214, jan./abr., 1985.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/PesquisasemGeociencias/article/view/21698>

Publicado por

Instituto de Geociências

Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: pesquisas@ufrgs.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/PesquisasemGeociencias/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/PesquisasemGeociencias/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/PesquisasemGeociencias/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan./abr., 1985.

Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

REGIÕES URBANAS GAÚCHAS
A População Urbana Rio-grandense no Período 1970/1980*

GISELA COPSTEIN**

SINOPSE

O presente trabalho é uma análise da distribuição da urbanização e crescimento urbano das cidades do Estado Rio Grande do Sul, Brasil, no período 1970/1980. Resulta numa caracterização de regiões urbanas.

ABSTRACT

This paper is an analysis of the urbanization and urban increase of Rio Grande do Sul State, Brazil, during the period 1970 – 1980. It results on the description of urban regions.

INTRODUÇÃO

Mesmo para o leigo em Geografia, é nítido o contraste existente entre áreas pontilhadas de cidades do norte e nordeste gaúcho e a rarefação urbana existente no sul e sudoeste do Estado. A diferença explica-se por um conjunto de fatores. Entre eles se destacam condições naturais, circunstâncias de exploração econômica, povoamento e ainda, no presente, a migração interna.

Em diversos trabalhos publicados, COPSTEIN, R. e outros (1962), COPSTEIN, R. (1970) e COPSTEIN G. e R. (1973) estudaram o fenômeno nas décadas de 1940/1950, 1950/1960, 1960/1970, além de historiar o povoamento gaúcho, COPSTEIN, R. (1970) e COPSTEIN, G. (1970).

O presente trabalho analisa a distribuição da urbanização, o crescimento da população das cidades, seu ritmo, o perfil das redes urbanas sobretudo no período 1970/1980. Compara-o com o verificado em trabalhos anteriores, relaciona-o com os aspectos sócio-econômicos através da setorização nas microrregiões homogêneas e com as condições físicas dos espaços oriundos da compartimentação em regiões naturais.

* Pesquisa realizada com auxílio da Vª Câmara da UFRGS

** Professor Adjunto do Instituto de Geociências – Departamento de Geografia – UFRGS
Trabalho recebido para publicação em novembro de 1984

Pesquisas	Porto Alegre	n.17	p.177-214	1985
-----------	--------------	------	-----------	------

Estes estudos deverão conduzir a compartimentação do Estado em regiões urbanas segundo as variáveis analisadas. Critica-se a adequação das divisões regionais para esse trabalho, a aplicabilidade do índice de urbanização e do conceito de cidades primárias numa província administrativa.

As unidades de análise utilizadas inicialmente são: as microrregiões homogêneas e as regiões naturais. As primeiras são definidas pela FIBGE. As regiões naturais adotadas neste trabalho — Planalto, Encosta Superior e Planalto do Nordeste, Encosta Inferior, Depressão Central, Campanha, Serras de Sudeste e Litoral — têm como limites os dos municípios que as integram. Esse critério apesar de sacrificar em alguns pontos a realidade física, tem a grande vantagem de permitir a comparação dos dados dos censos demográficos.

O recenseamento de 1980 registrou no Rio Grande do Sul 232 sedes municipais o que colocou o Estado entre as unidades mais urbanizadas da Federação. Posteriormente, mais de uma dezena de municípios foram criados. Como este estudo se alicerça nos últimos dados censitários disponíveis, não levará em consideração as sedes das unidades recém-emancipadas. Também não serão estudados, independentemente de qualquer fator, os núcleos classificados como vilas.

O total de população citadina recenseada em 1970 alcançou a 3.391.805 habitantes, em 1980 passou a 4.983.128. Verificou-se um aumento dessa população, no período intercensitário, de 46,9% ou 1.591.323 pessoas em números absolutos. No mesmo período a população estadual passou de 6.755.458 pessoas para 7.942.722, ou seja uma adição de 1.187.264 habitantes, correspondendo em números relativos um incremento de 17,57%.

Cotejando o valor do crescimento citadino com o do aumento total da população do Estado, nota-se que a primeira aumentou em 404.059 habitantes. A diferença revela a quanto atingiu, numericamente, o esvaziamento do espaço rural no período escoado entre os dois últimos censos.

A análise dos dados foi organizada em quatro capítulos intitulados: urbanização, ritmos de crescimento citadino, perfil das redes urbanas e regiões urbanas.

URBANIZAÇÃO

O índice de urbanização-população citadina — em relação à população total do município — indica o grau de concentração dos habitantes em cidades. Não revela, porém, a estrutura da distribuição. Assim, municípios pouco povoados podem ter alto índice de urbanização desde que a população se concentre principalmente na sede municipal. Um município da fronteira com alto índice de urbanização não se diferencia muito de Porto Alegre apesar dos nítidos contrastes físicos e humanos entre ambos. Para melhor conhecer essa estrutura acrescer-se-á ao estudo, a análise do tamanho das cidades avaliado pelo número de habitantes e o ritmo de crescimento verificado nos últimos decênios.

Na Depressão Central e Campanha, paisagens de relevos suaves e vegetação natural predominante de campo (Fig. 1 e Tabela 1), encontram-se as áreas mais urbanizadas do Estado. Segue-se a Encosta Inferior, correspondente à borda do planalto basáltico com vales encaixados e originalmente coberta por matas subtropicais. As restantes — o Litoral, a Encosta Superior e Planalto do Nordeste, as Serras de Sudeste e o Planalto — são menos urbanizadas. Nessas quatro regiões

ocorre mais diversidade de elementos físicos: o planalto basáltico com as maiores altitudes do Estado, vegetação original de matas e campos intercalados, as Serras do Sudeste com cerros e campos sujos e por fim, a desolada faixa litorânea arenosa lacustre.

A Depressão Central concentra quase a metade da população das cidades gaúchas (tab. 1). Seguem-se com grande diferença o Planalto e em posição inferior, as demais regiões naturais. Entre 1970 e 1980, houve redução percentual da população na Depressão Central, Litoral, Campanha e Serras de Sudeste, isto é, no centro-sul do Estado e um aumento para a área planáltica e encosta.

Tabela 1

Distribuição da população citadina segundo as regiões naturais
1970/1980

Regiões Naturais	População citadina sobre população total do Estado – %		População citadina sobre população total do Estado – %
	1970	1980	1980
Campanha	8,91	7,63	77,22
Depressão Central	42,90	40,65	80,95
Encosta Inferior	11,89	14,06	60,26
Encosta Superior e Planalto do Nordeste	7,36	8,53	58,27
Litoral	4,20	3,97	58,54
Planalto	17,10	18,30	42,94
Serras de Sudeste	7,60	6,89	53,18
TOTAL	100,00	100,00	—

Fonte dados brutos: FIBGE

Como se pode ver na tabela 2 onde estão indicadas as regiões naturais com o respectivo número de cidades e o total de núcleos urbanos segundo classes de população, a Campanha, região com alto índice de urbanização, possui pequeno número de cidades, todas com mais de 10.000 habitantes. Já o Planalto, com índice de urbanização baixo, reúne quase a metade das cidades gaúchas que, em grande maioria, tem menos de 10.000 habitantes.

Tabela 2
Número de cidades e grupos de habitantes por região natural
— 1980 —

REGIÃO NATURAL	Total de cidades	GRUPOS DE HABITANTES							
		até 500 hab	501/1000 hab	1001 2000 hab	2001 5000 hab	5001 10000 hab	10001 20000 hab	20001 50000 hab	mais de 50001 hab
Campanha	8	—	—	—	—	—	1	3	4
Depressão Central	29	—	1	2	6	4	6	3	7
Encosta Inferior	38	—	4	2	9	8	6	5	4
Encosta Superior e Planalto do Nordeste	31	—	1	10	6	7	4	2	1
Litoral	7	—	—	1	—	1	4	—	1
Planalto	103	2	12	30	23	16	8	8	4
Serras de Sudeste	16	—	—	2	2	6	4	1	1
TOTAL	232	2	18	47	46	42	33	22	22

Fonte dados brutos: FIBGE

A tabela 3 mostra que os crescimento das populações divergem. As regiões de maior crescimento são as encostas, destacando-se a Inferior. Segue-se o Planalto. As áreas mais estagnadas são a Campanha e as Serras de Sudeste. Os maiores aumentos de população citadina ocorrem sobretudo nas áreas planálticas, as áreas de menor altimetria correspondem às taxas mais baixas (fig. 2).

Tabela 3
Crescimento da população citadina segundo as Regiões Naturais
— 1970 / 1980 —

REGIÃO NATURAL	Taxa de crescimento anual — % 1970/1980	Ordenação
Campanha	2,20	7
Depressão Central	3,20	4
Encosta Inferior	5,43	1
Encosta Superior e Planalto do Nordeste	5,23	2
Litoral	3,18	5
Planalto	4,43	3
Serras de Sudeste	2,78	6

Fonte dados brutos: FIBGE

A correlação entre a taxa de crescimento anual no período 1970/1980 e o índice de urbanização em 1980 (tabelas 1 e 3), revela um coeficiente de correlação de -0,45. Há, portanto, relação inversamente proporcional entre ambos os fenômenos. Essa correlação entretanto é pouco expressiva, ilustra 20,25% do processo. Pode-se dizer que só em 20% dos casos os crescimentos maiores de população citadina ocorrem nas regiões menos urbanizadas e isto levando em conta uma regionalização por espaços naturais.

Na apreciação do fenômeno por microrregiões homogêneas (tabela 4) observa-se que Porto Alegre, Campanha, Vinicultora de Caxias do Sul e Lagoa dos Patos abrangem cerca de 60% da população citadina do Estado. As mais urbanizadas porém não localizam um grande número de cidades (tabela 5), confirmando assim que o índice não traduz a estrutura da distribuição da população citadina.

O coeficiente de correlação entre o índice de urbanização e o crescimento anual da população é -0,38 considerando-se a divisão em microrregiões, ou seja, uma relação inversamente proporcional muito pouco significativa.

A distribuição e crescimento da população citadina segundo as microrregiões homogêneas, 1970/1980 (tabela 4) revela que as mais elevadas taxas (superior a 5%) estão nas regiões coloniais (Encosta da Serra Geral, Vinicultora do Sul, Colonial do Baixo Taquari, Colonial de Santa Rosa, Colonial de Iraí, Colonial de Ijuí, Colonial do Alto Jacuí e Soledade). As taxas baixas pertencem à microrregiões de povoamento antigo — Vale do Jacuí e Santa Maria — áreas de campo com pecuária ou litorâneas — Campanha e Lagoa dos Patos — ou de agricultura extensiva e mecanizada — Triticulora de Cruz Alta.

Essas taxas não são baixas considerando que crescendo em 3,0%, anualmente uma população dobra em 23 anos*.

Para classificar regiões levando em conta o índice de urbanização e as taxas de crescimento, usou-se a divisão em regiões naturais. Apresentam uma correlação baixa mais significativa do que a divisão em microrregiões. Reputou-se elevados os índices superiores a 70%, intermediários os compreendidos entre 50 a 70% e inferiores os abaixo de 50% por indicarem uma dominância da população não citadina. A classificação das taxas de crescimento originou-se do estudo da tabela 4. Chamou-se de explosivas as superiores a 5,0%, aceleradas as entre 3,0 e 5,0% e moderadas as menores de 3,0%. Os resultados da classificação estão na tabela 6 e serão utilizados posteriormente ao se definir as regiões urbanas gaúchas.

* Taxas anuais de crescimento e tempo para uma população duplicar: 0,5% (139 anos); 1,0% (70 anos); 1,5% (47 anos); 2,5% (28 anos); 3,0% (23 anos); 3,5% (20 anos) e 4,0% (18 anos).

Tabela 4

Distribuição e crescimento da população citadina segundo as microrregiões homogêneas
1970/1980

MICRORREGIÕES	População citadina sobre população total do Estado %		População citadina sobre população total Microrregião %		Taxa de crescimento anual da população citadina %
	1970	1980	1970	1980	1970 — 1980
(308) Porto Alegre	41,58	41,75	89,64	89,99	3,79
(309) Colonial da Encosta da Serra Geral	2,11	2,63	32,17	50,57	5,92
(310) Litoral Setentrional do RGS	1,07	1,18	21,89	35,30	4,75
(311) Vinicultora de Caxias	4,91	6,13	54,58	72,90	5,97
(312) Colonial do Alto Taquari	0,62	0,62	15,18	25,14	4,77
(313) Colonial do Baixo Taquari	1,18	1,38	23,10	37,50	5,32
(314) Fumicultora de Santa Cruz do Sul	1,74	1,97	23,53	35,66	4,99
(315) Vale do Jacuí	3,27	2,68	40,35	47,32	1,76
(316) Santa Maria	4,11	3,59	57,79	68,57	2,40
(317) Lagoa dos Patos	5,95	5,45	46,89	56,83	2,88
(318) Litoral Oriental L.dos Patos	3,17	2,75	70,57	73,85	2,33
(319) Lagoa Mirim	1,12	0,93	52,27	61,831,93	
(320) Alto Camaquã	1,06	1,02	22,73	35,54	3,34
(321) Campanha	10,66	9,25	64,77	74,96	2,34
(322) Triticulora de Cruz Alta	2,98	2,73	48,74	59,55	2,88
(323) Colonial das Missões	1,87	2,05	33,09	46,94	4,66
(324) Colonial de Santa Rosa	2,04	2,50	18,57	31,92	5,76
(325) Colonial de Iraí	1,23	1,34	13,10	22,30	5,48
(326) Colonial de Erechim	2,30	2,20	22,49	32,51	3,32
(327) Colonial de Ijuí	1,28	1,61	40,87	60,53	6,09
(328) Passo Fundo	3,50	3,74	51,12	65,52	4,42
(329) Colonial do Alto Jacuí	0,26	0,33	25,19	44,34	6,11
(330) Soledade	0,43	0,49	14,88	25,69	5,12
(331) Campos de Vacaria	1,53	1,48	30,56	48,93	3,45

Fonte dos dados brutos: FIBGE

Tabela 5
Número de cidades por grupos de habitantes segundo as Microrregiões

MICRORREGIÃO	Total	até 500 hab.	501 a 1000 hab.	1001 a 2000 hab.	2001 a 5000 hab.	5001 a 10000 hab.	10001 a 20000 hab.	20001 a 50000 hab.	mais de 50000 hab.
Porto Alegre	16	—	—	—	—	2	1	5	8
Colonial da Encosta da Serra Geral	13	—	—	1	4	4	2	2	—
Litoral Setentrional do RGS	4	—	—	—	—	—	4	—	—
Vinicultora de Caxias do Sul	9	—	—	—	1	4	2	1	1
Colonial do Alto Taquari	13	1	4	3	3	1	1	—	—
Colonial do Baixo Taquari	9	—	1	—	5	1	1	1	—
Fumicultora de Santa Cruz do Sul	10	—	—	3	3	2	1	—	1
Vale do Jacuí	8	—	—	—	1	2	4	—	1
Santa Maria	7	—	1	1	2	2	—	—	1
Lagoa dos Patos	7	—	—	1	—	3	1	1	1
Litoral Oriental L.dos Patos	3	—	—	1	—	1	—	—	1
Lagoa Mirim	4	—	—	—	1	—	3	—	—
Alto Camaquã	7	—	—	1	1	3	2	—	—
Campanha	12	—	—	—	1	—	2	5	4
Triticulora de Cruz Alta	7	—	—	—	—	3	2	1	1
Colonial das Missões	7	—	—	2	2	—	1	1	1
Colonial de Santa Rosa	21	—	1	7	7	3	2	1	—
Colonial do Iraí	21	—	4	7	7	2	1	—	—
Colonial do Erechim	26	1	4	11	6	3	—	1	—
Colonial de Ijuí	7	—	—	4	1	—	1	—	—
Passo Fundo	6	—	—	1	1	1	—	2	1
Colonial do Alto Jacuí	5	—	3	—	—	2	—	—	—
Soledade	3	—	—	1	1	1	1	—	—
Campos de Vacaria	7	—	—	3	—	2	1	1	—
TOTAL	232	2	18	47	46	42	33	22	22

Fonte dos dados brutos: FIBGE

Classificação do índice de urbanização e das taxas de crescimento da população
citadina para o conjunto das regiões naturais:

Região Natural	Índice de Urbanização - 1980			Taxa de Crescimento - 1970/80		
	IA(>70%)	IB(50/70%)	IC(<50%)	TA(>5%)	TB(3/5%)	TC(<3%)
Campanha	X	-	-	-	-	X
Depressão Central	X	-	-	-	X	-
Encosta Inferior	-	X	-	X	-	-
Encosta Superior e Planalto do Nordeste	-	X	-	X	-	-
Litoral	-	X	-	-	X	-
Planalto	-	-	X	-	X	-
Serras de Sudeste	-	X	-	-	-	X

IA = alto IB = intermediário IC = inferior TA = explosiva
TB = acelerada
TC = moderada

As taxas de crescimento anual de cada cidade em 1980 e 1970 (vide anexos) mostram que das 232 existentes apenas cinco, Aratiba, Formigueiro, Gaurama, General Câmara e Nova Bréscia diminuíram seus efetivos. Com o método já utilizado por COPSTEIN, R. e G. (1973) estudou-se o ritmo de crescimento citadino entre 1960/1970 e 1970/1980. Num sistema de coordenadas representou-se no eixo das abcissas as taxas de 1960/1970 e no das ordenadas as de 1970/1980 (fig. 3). No artigo mencionado explica-se a classificação decorrente*: "Neste sistema o primeiro quadrante registra as cidades que aumentaram de população nos dois períodos. O segundo, as que diminuíram a população entre 1960/1970 e cresceram no decênio posterior. O terceiro quadrante situa as sedes municipais que perderam população nos dois decênios estudados e, finalmente, cabe ao último quadrante as cidades que cresceram entre 1960/1970 e diminuíram entre 1970/1980. No primeiro quadrante traçou-se uma bissetriz que distribui as cidades nele compreendidas em três grupos: 1º — crescimento progressivo — é o das cidades cujas populações cresceram entre 1970/1980 mais intensamente que entre 1960/1970; 2º — crescimento contínuo e harmônico — compreende as cidades localizadas nas proximidades da bissetriz que cresceram nos dois períodos e cuja amplitude de aumento entre as taxas dos dois períodos não ultrapassou a 0,5%; 3º — crescimento regressivo — é o das cidades cujo crescimento foi maior no período 1960/1970 do que no período 1970/1980".

O gráfico (fig. 3) no sentido horário mostra 229** cidades distribuídas nos quadrantes com acúmulo expressivo no 1º quadrante. Na tabela 7 está indicado o número de cidades por ritmo de crescimento e grupos de habitantes.

A maioria das cidades (93,88%) tiveram aumento de população entre 1960 e 1980 sendo que destas, um pouco mais de metade apresentaram taxas crescentes (quadro 1). O restante se dividiu praticamente em cidades com pequena variação na taxa de crescimento (16,59%) (quadro 2) e cidades cujas taxas diminuíram de intensidade (23,58%) (quadro 3).

Entre as restantes, 2,17% apresentaram taxas negativas em 1970/1980 e quase 4,00%, após uma taxa negativa no decênio anterior, voltaram a crescer.

Somente a cidade de Gaurama tem apresentado um decréscimo contínuo de população.

Analisando o fenômeno constata-se na (tabela 7) que acima do grupo compreendido entre 5.000 e 10.000 habitantes não ocorreram decréscimos de população urbana. Por outro lado, entre as cidades até 10.000 habitantes encontra-se maior proporção de crescimento progressivo. Entre as cidades de mais de 10.000 habitantes é significativa a proporção das que estão diminuindo seu ritmo de crescimento, acentuando o fenômeno nas cidades de mais de 100.000 habitantes.

Assim, entre as pequenas cidades se encontram as que não dispõem condições de desenvolvimento, não são capazes de reter sua própria população (no caso das que estão com taxas negativas) ou absorver migrantes de sua hinterlândia. Já as cidades maiores tendem a diminuir seu ritmo de crescimento porque a capacidade de oferecer novas oportunidades aos migrantes começa a se saturar e a elevação do nível de vida dos habitantes contribui para o início do processo de limitação de natalidade.

Tabela 7

Número de cidades segundo o ritmo de crescimento e grupos de habitantes 1960/1970 e 1970/1980**

RITMO DE CRESCIMENTO	GRUPOS DE HABITANTES															
	até 2000	%	2000/ 5000	%	5000/ 10000	%	10000/ 20000	%	20000/ 50000	%	50000/ 100000	%	+ de 100000	%	Total número	%
PROGRESSIVO	43	65,15	26	59,09	27	65,85	16	48,48	9	40,90	1	6,66	1	12,50	123	53,71
CONTÍNUO E HARMÔNICO	6	9,09	4	9,09	77	17,07	4	12,12	5	22,72	7	46,46	4	50,00	37	16,15
REGRESSIVO	9	13,63	10	22,72	5	12,19	13	39,39	8	36,36	7	46,46	3	37,50	55	24,01
CRESCIMENTO EM 60/70																
DECRÉSCIMO EM 70/80	3	4,54	1	2,27	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	4	1,74
DECRÉSCIMO EM 60/70 E 70/80																
CRESCIMENTO EM 70/80	4	6,06	3	6,81	2	4,76	—	—	—	—	—	—	—	—	9	3,93
DECRÉSCIMO EM 60/70 E 70/80	1	1,51	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	0,44
TOTAL	66	99,98	44	99,98	41	99,87	33	99,99	22	99,98	15	99,58	8	100,00	229	99,97

Fonte dados brutos: FIBGE

Quadro 1

Cidades gaúchas com crescimento progressivo entre 1960/1970 e 1970/1980

1. Ajuricaba	42. Feliz	83. Rodeio Bonito
2. Alpestre	43. Flores da Cunha	84. Rolante
3. Arroio do Meio	44. Fontoura Xavier	85. Rondinha
4. Arroio dos Ratos	45. Garibaldi	86. Roque Gonzales
5. Arroio do Tigre	46. Getúlio Vargas	87. Salvador do Sul
6. Arvorezinha	47. Giruá	88. Santa Bárbara do Sul
7. Augusto Pestana	48. Gramado	89. Santa Cruz do Sul
8. Barracão	49. Guaporé	90. Santana da Boa Vista
9. Bento Gonçalves	50. Horizontina	91. Severiano de Almeida
10. Bom Retiro do Sul	51. Humaitá	92. Santo Augusto
11. Braga	52. Ibiaçá	93. Santo Cristo
12. Caçapava do Sul	53. Ibiraiaras	94. São Borja
13. Cacique Doble	54. Ibirubá	95. São Gabriel
14. Caibaté	55. Igrejinha	96. São José do Norte
15. Cambará do Sul	56. Ilópolis	97. São Lourenço do Sul
16. Campinas do Sul	57. Independência	98. São Luiz Gonzaga
17. Campina das Missões	58. Itatiba do Sul	99. São Marcos
18. Campo Bom	59. Ivoti	100. São Martinho
19. Campo Novo	60. Jacutinga	101. São Nicolau
20. Candelária	61. Lajeado	102. São Paulo das Missões
21. Canela	62. Marau	103. São Sebastião do Caí
22. Carlos Barbosa	63. Mata	104. São Vicente do Sul
23. Catuípe	64. Mostardas	105. Sapiranga
24. Cerro Largo	65. Muçum	106. Sarandi
25. Chapada	66. Não-Me-Toque	107. Seberi
26. Chiapeta	67. Nonoai	108. Selbach
27. Colorado	68. Nova Araçá	109. Serafina Corrêa
28. Condor	69. Nova Bassano	110. Sertão
29. Constantina	70. Nova Palma	111. Soledade
30. Coronel Bicaco	71. Nova Prata	112. Tapes
31. Crissiumal	72. Osório	113. Taquara
32. Cruzeiro do Sul	73. Palmitinho	114. Tenente Portela
33. Dois Irmãos	74. Panambi	115. Torres
34. Dom Feliciano	75. Paraí	116. Três Coroas
35. Encantado	76. Pejuçara	117. Três de Maio
36. Erechim	77. Pelotas	118. Tupanciretã
37. Erval Grande	78. Pedro Osório	119. Tuparendi
38. Erval Seco	79. Piratini	120. Venâncio Aires
39. Estrela	80. Planalto	121. Veranópolis
40. Farroupilha	81. Porto Xavier	122. Viamão
41. Faxinal do Soturno	82. Restiga Seca	123. Vicente Dutra

Quadro 2

Cidades com crescimento contínuo e harmônico entre 1960/1970 e 1970/1980

1. Agudo	14. Esteio	27. Santiago
2. Antonio Prado	15. Ijuí	28. São Francisco de Assis
3. Bagé	16. Iraí	29. São Jerônimo
4. Barra do Ribeiro	17. Itaqui	30. São Leopoldo
5. Cândido Godói	18. Jaguarí	31. São Pedro do Sul
6. Canguçu	19. Paim Filho	32. São Valentim
7. Canoas	20. Palmeira das Missões	33. Tapejara
8. Carazinhp	21. Passo Fundo	34. Três Passos
9. Caxias do Sul	22. Putinga	35. Uruguaiana
10. Ciríaco	23. Redentora	36. Vera Cruz
11. Encruzilhada do Sul	24. Rio Grande	37. Victor Graeff
12. Erval	25. Santa Vitória do Palmar	
13. Estância Velha	26. Santo Ângelo	

Quadro 3

Cidades com crescimento regressivo entre 1960/1970 e 1970/1980

1. Alecrim	20. Guarani das Missões	39. Rosário do Sul
2. Alegrete	21. Jaguarão	40. Sananduva
3. Alvorada	22. Júlio de Castilhos	41. Santa Maria
4. Arroio Grande	23. Lagoa Vermelha	42. Santana do Livramento
5. Barros Cassal	24. Lavras do Sul	43. Santa Rosa
6. Bom Jesus	25. Liberato Salzano	44. Santo Antônio das Missões
7. Butiá	26. Machadinho	45. Santo Antônio da Patrulha
8. Cacequi	27. Mariano Moro	46. São José do Ouro
9. Cachoeira do Sul	28. Maximiliano de Almeida	47. São Sepé
10. Cachoeirinha	29. Miraguaí	48. Sapucaia do Sul
11. Caiçara	30. Montenegro	49. Sobradinho
12. Camaquã	31. Nova Petrópolis	50. Taquari
13. Cruz Alta	32. Novo Hamburgo	51. Tramandaí
14. Dom Pedrito	33. Pinheiro Machado	52. Triunfo
15. Esmeralda	34. Porto Alegre	53. Tucunduva
16. Espumoso	35. Quaraí	54. Vacaria
17. Frederico Westphalen	36. Rio Pardo	55. Viadutos
18. Gravataí	37. Roca Sales	
19. Guaíba	38. Ronda Alta	

Quadro 4

Cidades que aumentaram de população em 1960/70 e diminuíram em 1970/80

1. Aratiba
2. Formigueiro
3. General Câmara
4. Nova Bréscia

Quadro 5

Cidades que diminuíram a população em 1960/70 e aumentaram em 1970/80.

1. Anta Gorda	6. Marcelino Ramos
2. Barão do Cotegipe	7. Porto Lucena
3. Bossoroca	8. São Francisco de Paula
4. Casca	9. Tapera
5. David Canabarro	

Os gráficos das figuras 4 e 5 representam o ritmo de crescimento distribuído por regiões naturais. Ao examiná-los adotou-se a seguinte classificação (quadro 6):

Quadro 6

Regiões naturais segundo o tipo dominante de ritmo de crescimento citadino

RITMO(S) DE CRESCIMENTO DOMINANTE(S)	REGIÃO NATURAL
Progressivo	Encosta Inferior Encosta Superior e Planalto do Nordeste Serras de Sudeste
Progressivo e harmônico	Litoral
Regressivo e harmônico	Campanha Depressão Central

Ao abordar o tema deve-se lembrar haver uma maior harmonia de situações quando se analisa a distribuição das cidades rio-grandenses na moldura das grandes regiões naturais. Elas compreendem um conjunto de fatores geográficos humanos e econômicos integrados. Não se trata de ótica de cunho determinista mas sem dúvida, o homem ocupa, transforma a natureza, a destruindo e reconstruindo-a, mas sempre existirão condições locais que o farão agir de forma peculiar. As microrregiões parecem retalhar demasiadamente o espaço sócio-econômico ou não respeitar a continuidade das condições físicas.

Dentro dos objetivos do capítulo é preciso recordar dois conceitos importantes em Geografia Urbana: a distribuição hierárquica das cidades segundo o número de habitantes (rang-size) e a cidade primacial (primate city). Stewart e Zipf criaram método de análise traçando em papel di-log um sistema de coordenadas onde, no eixo das ordenadas, colocam as cidades segundo seu número de habitantes e, no eixo das abscissas, as cidades segundo a hierarquia das populações respectivas (Berry e Horton, 1970, pág. 64). Obtém um conjunto de pontos que interligados por retas apresentam uma inclinação analisada matematicamente ou empiricamente. Mark Jefferson (Berry e Horton, 1970) introduziu o conceito de cidade primacial. Esta é uma cidade grande, mas é, sobretudo, diversas vezes mais populosa do que a segunda colocada na hierarquia.

Numa região existe cidade primacial quando um nível de cidades pequenas é dominado por uma ou mais cidades muito grandes e há número pouco significativo de cidades de tamanho intermediário.

A técnica para identificar a característica do perfil de uma rede urbana, distinguindo redes hierarquicamente bem distribuídas, segundo a população ou dominadas por cidades primaciais, foi descrita por Berry e Horton (1970, pág. 66). Calcularam a porcentagem cumulativa de cidades de diferentes tamanhos agrupando-as pelo número de habitantes. Segundo a regra hierarquia-tamanho, quanto maiores as cidades, menos numerosas, e, quanto menores, se a distribuição é regular, mais numerosas.

Diversos autores e entre eles, Milton Santos, (1980, pág. 106) associam redes urbanas hierarquicamente completas, isto é, algumas cidades grandes, cidades médias e numerosas cidades pequenas, com economias desenvolvidas e cidades primaciais com economias coloniais em países subdesenvolvidos. Dessa forma a cidade primacial seria o centro do controle político e administrativo sobre sociedades colonizadas.

Entretanto, muitos fatores podem interferir (Berry e Horton, 1970, pág. 73). Há cidades que evoluíram naturalmente como capitais políticas e administrativas e se impõem a uma região, embora, às vezes, correspondam à capitais de antigos impérios coloniais. Nos países novos ou em desenvolvimento há a presença de redes bem distribuídas e parece que a tendência da maioria das cidades é crescer. Os mesmos autores (pág. 74) acrescentam que se deve considerar, entre outros, os seguintes fatores quando se analisam redes urbanas: o tamanho do país ou região; a idade do processo de urbanização; a complexidade da vida política e econômica; o grau de desenvolvimento econômico.

Um província, que se integra num conjunto maior que é o país, suas redes urbanas não se podem examinar isoladamente, considerando sua economia como desenvolvida ou subdesenvolvida. As relações, se fazem no todo e não apenas nas partes isoladas. Desta forma não se deve usar o conceito de cidade primacial para a rede urbana gaúcha porque, mesmo que o fato ocorra, a forma de análise seria incorreta.

O método de análise hierarquia-tamanho é válido, no presente estudo, para auxiliar na descrição “morfológica” das redes urbanas de cada região.

Com este propósito se definirão as redes urbanas gaúchas por sua distribuição harmônica em grupos de cidades segundo o número de habitantes, não considerando o conceito de cidade primacial.

Nas tabelas 8 e 9 tem-se o número de cidades por grupo de habitantes, a frequência por grupo e a porcentagem cumulativa para o conjunto das cidades e por região natural.

Tabela 8
Distribuição por grupos de habitantes das cidades do Rio Grande do Sul –
Frequência e porcentagem cumulativa

Grupos de Habitantes	Cidades no Estado			Cidades no Estado Destacando as Regiões Metropolitanas		
	Nº Cidades	%	% cumulativa	Nº Cidades	%	% cumulativa
Até 2000	69	29,7	29,7	69	29,70	29,70
2000 - 5000	45	19,3	49,0	45	19,30	49,00
5000 - 10000	41	17,2	66,2	41	17,20	66,20
10000 - 20000	33	14,2	80,4	31	13,36	79,56
20000 - 50000	22	9,4	89,8	16	6,89	86,45
50000 - 100000	14	6,0	95,8	9	3,87	90,32
mais de 100000	8	3,8	99,6	4	1,72	92,04
Regiões Metropolitanas				17	7,32	99,36
Totais	232	99,6		232	99,36	

Tabela 9
Perfil das Redes Urbanas Gaúchas

Grupos de Habitantes	Cidades na Campanha			Cidades na Depressão Central			Cidades na Encosta Inferior			Cidades na Encosta Superior			Cidades no Litoral			Cidades no Planalto			Cidades nas Serras de Sudeste		
	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul	nº	%	%cumul
até 2000	—	—	—	3	13,6	13,6	6	15,7	15,7	11	37,93	37,93	1	14,2	14,2	44	42,7	42,7	2	12,5	12,5
2000-1- 5000	—	—	—	6	27,2	40,8	9	23,6	39,3	6	20,68	58,61	—	—	—	23	22,3	65,0	2	12,5	25,0
5000-1- 10000	—	—	—	4	18,1	58,9	8	21,0	60,3	7	24,13	82,74	1	14,2	28,4	16	15,0	80,0	6	37,5	62,5
10000-1- 20000	1	12,5	12,5	8	27,2	86,1	6	15,7	76,0	3	10,34	93,08	4	57,1	85,5	8	7,7	87,7	4	25,0	87,5
20000-1- 50000	3	37,5	50,0	—	—	—	5	13,1	89,1	1	3,44	96,52	—	—	—	8	7,7	95,4	1	6,2	93,7
50000-1- 100000	4	50,0	100,0	1	4,5	90,6	3	7,8	96,9	—	—	—	—	—	—	3	2,9	98,3	—	—	—
+ de 100000	—	—	—	1	4,5	95,1	1	2,6	99,5	1**	3,44	99,96	1	14,2	99,3	1	0,9	99,2	1	6,2	99,9
Metropole	—	—	—	1*	4,5	99,6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
TOTAIS	8	100,0		22	99,6		38	99,5		29	99,96		7	99,3		103	99,2		16	99,9	

* Porto Alegre e 7 cidades da Região Metropolitana

** Caxias do Sul e 2 cidades da Região Pré-metropolitana

Na tabela 8 vê-se que há uma proporcionalidade de distribuição segundo seu volume de habitantes. Dominam as cidades pequenas até 10.000 habitantes, representando cerca de 66% dos centros urbanos. Cidades médias até 50.000 habitantes constituem 24%. Oito núcleos urbanos gaúchos ultrapassam os 100.000 habitantes. Mesmo destacando as 17 cidades que constituem as regiões metropolitanas, há ainda um equilíbrio na distribuição, pois incluindo as de até 100.000 habitantes tem-se 90% das cidades.

A proporcionalidade constatada na tabela 8 não ocorre em todo o território rio-grandense como mostra a tabela 9. Existem redes que podem ser classificadas em "redes proporcionais" e "redes incompletas".

As regiões da Depressão Central, Encosta Inferior e Planalto possuem redes proporcionais; o grupo de cidades até 100.000 habitantes soma mais de 90% dos núcleos urbanos, enquanto que as regiões da Campanha, Encosta Superior, Litoral e Serras de Sudeste têm "redes incompletas". Na Campanha, por exemplo, só existem cidades médias, na Encosta Superior e Serras de Sudeste as cidades até 50.000 habitantes são dominantes, com mais de 90% e no Litoral, diversos grupos são inexistentes. A falta de cidades no grupo de 20.000 a 50.000 habitantes na Depressão Central se explica por estarem contidas na Região Metropolitana. Usou-se a técnica de Stewart e Zipf para representar graficamente as redes urbanas (figs. 6 e 7). Nas figuras observa-se a proporcionalidade da rede da Depressão Central, assim como no Planalto e Encosta Inferior. Nas demais, geralmente uma cidade ou grupo de cidades absorve as funções, suplantando ou deprimindo as demais. É o caso de Caxias com Farroupilha e Bento Gonçalves na Encosta Superior e Planalto do Nordeste, de Rio Grande, no Litoral e Pelotas, nas Serras de Sudeste.

No caso da Campanha as cidades absorvem a população e são o centro de serviços, bastante semelhantes entre si, de uma região pouco densa.

AS REGIÕES URBANAS

As grandes unidades morfológicas com peculiaridades de ocupação econômica e demográfica, os índices de urbanização, as taxas de crescimento da população citadina e os respectivos ritmos de crescimento entre 1960 e 1980, além do perfil das redes urbanas, permitem configurar regiões urbanas relativamente homogêneas. Assim tem-se no quadro 7 a caracterização obtida com a comparação desses indicadores (figs. 8 e 9):

Quadro 7
Regiões urbanas gaúchas

REGIÃO	CARACTERÍSTICAS	SUB-REGIÕES E CARACTERÍSTICAS
A – Alta urbanização Região Central	A1 - taxa de crescimento acelerado e ritmo regressivo A2 - taxa de crescimento mo- derado e ritmo regressivo	A1.1 - com rede urbana in- completa (Depressão Central) A2.1 - com rede urbana in- completa (Campanha)
B – Urbanização intermediária Regiões Nordeste, Leste e Sul	B1 - taxa de crescimento ex- plosivo e ritmo regressivo B2 - taxa de crescimento mo- derado e ritmo progressivo B3 - taxa de crescimento mo- derado e ritmo progressivo	B1.1 - com rede urbana in- completa (Encosta Superior - Planalto do Nordeste) B1.2 - com rede urbana pro- porcional (Encosta Inferior) B2.1 - com rede urbana incom- pleta (Litoral) B3.1 - com rede urbana incom- pleta (Serras de Sudeste)
C – Urbanização inferior Região do Nordeste	C1 - taxa de crescimento acele- rado e ritmo progressivo	C1.1 - com rede urbana pro- porcional (Planalto)

Considerando as características dessas regiões, pode-se afirmar que suas peculiaridades são decorrentes de:

- relevo, solos, vegetação, hidrografia
- forma de povoamento
- estrutura fundiária
- atividades econômicas

A região de alta urbanização (Região Central) corresponde ao eixo de povoamento mais antigo (Depressão Central) estruturado ao longo do Vale Jacuí. Apresenta número significativo de cidades ligadas à colonização açoriana e contendo a maior parte da Região Metropolitana. A densidade populacional varia de 25 a mais de 100 hab/km². Continua para oeste na região da Campanha onde dominam cidades médias. É área de baixa densidade demográfica, variando de 5 a 10 hab/km² com grandes propriedades voltadas sobretudo à pecuária extensiva. O povoamento de ambas as áreas ocorreu paralelamente à fixação das fronteiras gaúchas. O desequilíbrio da rede da Campanha se deve à concentração populacional nos centros de serviços de áreas rurais. A reduzida população explica-se pela estrutura fundiária e atividade econômica dominante.

As regiões Nordeste, Leste e Sul de média urbanização são bastante diferenciadas. O Nordeste em sua maior extensão é a área inicial de colonização européia que começou na segunda década do século XIX. A estrutura fundiária é dominada por pequenas propriedades com agricultura colonial. Servem-na rede de cidades pequenas que atuam como centros locais de serviço de uma área rural bastante densa. A densidade municipal varia entre 25 a 100 hab/km². A região Nordeste

tem, assim, uma rede bem distribuída de cidades de diversos tamanhos. Já na Encosta Superior o crescimento de um pólo industrial, Caxias do Sul, está centralizando a expansão urbana de uma região densa (entre 25 e 100 hab/km²) e menos densa no Planalto de Nordeste (entre 2 e 25 hab/km²).

A região Leste estende-se pela faixa litorânea. Nela iniciou-se o povoamento oficial do Rio Grande do Sul (Rio Grande). Devido às dificuldades de acesso ou comunicação com o interior manteve-se baixa a densidade demográfica (dominam as densidades de 5 a 25 hab/km²) e inexpressivo o crescimento de cidades. A rede urbana é constituída por pequenas cidades, exceto Rio Grande, o único porto gaúcho.

A região Sul, área do escudo rio-grandense, reproduz a estrutura fundiária, a atividade econômica, baixa densidade (entre 5 e 25 hab/km²) da Campanha, porém com menor produtividade em função das condições naturais.

Na encosta oriental do escudo, em região fértil, próximo ao porto de Rio Grande, desponta a maior cidade, Pelotas.

A região Noroeste é a mais nova relativamente ao povoamento não indígena. Datando deste século, é ocupada por colônias em áreas planálticas. A área é ainda pouco urbanizada, apesar de densamente povoada (entre 25 e 100 hab/km²). A rede urbana é bem distribuída em função da estrutura fundiária de pequenas e médias colônias dominantes. Certas áreas sofrem hoje uma mudança de estrutura pela implantação de grandes propriedades de agricultura comercial e mecanizada.

Comparando vários trabalhos geográficos referentes ao crescimento da população no período 1970/80 pode-se estabelecer um quadro comparativo bastante significativo.

Pedebos, J.R. (1982, pág. 387) analisando o quadro rural, identificou os seguintes tipos de áreas de população:

- “1 – Áreas de crescimento da população rural muito intensa, com crescimento da população citadina também intensa;
- 2 – Áreas de atração moderada da população rural;
- 3 – Áreas de perda da população rural;
- 4 – Áreas de decréscimo absoluto da população rural;
- 5 – Áreas de estagnação da população rural”.

Já Costa, R.H. da (1983, págs. 6,7 e 8) faz uma proposta de regionalização identificando para o Rio Grande do Sul:

- Centro irradiador e concentrador (Região Metropolitana de Porto Alegre);
- Periferia dinâmica (cinturão verde ao norte da metrópole e área centralizada por Caxias do Sul e, secundariamente, Bento Gonçalves, responsável pelo intenso fluxo de migrantes para os principais núcleos urbanos);
- Periferia de crescimento lento (a região latifundiária predominantemente pastoril, representada pela campanha gaúcha e partes do planalto médio e a região de predomínio de pequenas e médias propriedades alicerçadas no binômio trigo/soja);

- Periferia deprimida ou de crescimento nulo (Serras de Sudeste, o centro, menos Santa Maria, os Campos de Cima da Serra, o Litoral de Mostardas e grande parte da área colonial minifundiária do Alto Uruguai, exceção aos núcleos de Erechim e Santa Rosa).

Neves, G.R. (1984) propõe uma classificação segundo as taxas de crescimento da população municipal entre 1970/80 em:

- Áreas deprimidas (até 0,01%)
- Áreas estacionárias (0,01–1 1,0%)
- Áreas de crescimento moderado (1,0 –1 2,0%)
- Áreas de crescimento acelerado (2,0 –1 3,0%)
- Áreas de crescimento explosivo (3,0% e mais)

Na Sinopse Preliminar do Censo Demográfico do Rio Grande do Sul há, em anexo, um mapa com as taxas de crescimento geométrico anual por município entre 1970 e 1980. Adaptando a classificação de Neves aos intervalos do mapa referido organizou-se o cartograma da fig. 10.

O quadro 8 é o resultado da comparação dos trabalhos citados com o estudo da população citadina.

Encosta Inferior e a Encosta Superior – Planalto do Nordeste são áreas de perda de população rural e aumento explosivo das áreas urbanas que se reflete inclusive em crescimento elevado da população municipal de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. O Planalto, a Depressão Central e o Litoral são áreas de perda de população rural (exceção do Litoral, Erechim e Santa Rosa) e taxa de crescimento urbano acelerado. O crescimento municipal varia de acelerado a explosivo, principalmente na Área Metropolitana e arredores. A Campanha e as Serras de Sudeste são realmente a periferia de crescimento lento ou nulo onde há decréscimo da população rural, municipal e taxa de crescimento urbano moderado.

Quadro 8

Comparação de classificações regionais sobre as características da população do Rio Grande do Sul

ÁREAS	População rural	Classificação das áreas segundo o modelo centro-periferia	População Municipal	População citadina
Encosta Inferior Encosta Superior Planalto do Nordeste	Decréscimo absoluto da população rural e áreas de estagnação da população rural	Periferia dinâmica (Caxias e Bento Gonçalves) Periferia deprimida (Campos de Cima da Serra)	Predomínio das áreas de crescimento deprimido com exceção da Encosta Superior onde ocorre crescimento explosivo	TAXA DE CRESCIMENTO URBANO EXPLOSIVO
Planalto Depressão Central Litoral	Decréscimo absoluto da população rural com áreas de crescimento moderado da população rural no Litoral	Centro irradiador e concentrador (Região Metropolitana) Periferia de crescimento ou deprimida no Planalto e Litoral, com exceção dos núcleos de Erechim e Santa Rosa	Crescimento explosivo e acelerado na Área Metropolitana e arredores. Crescimento acelerado em Santa Maria, Litoral Sul e numerosos municípios com crescimento acelerado no Planalto	TAXA DE CRESCIMENTO URBANO ACELERADO
Campanha Serras de Sudeste	Decréscimo absoluto de população rural e áreas de estagnação da população rural	Periferia de crescimento lento e periferia de crescimento deprimido ou nulo	Predomínio das áreas de crescimento municipal deprimido e estacionário, com exceção de Uruguaiana, Bagé e Pelotas	TAXA DE CRESCIMENTO URBANO MODERADO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do presente trabalho sobressaem-se considerações de ordem metodológica e considerações contextuais.

As primeiras são as que seguem:

1º – O conhecimento da estrutura de urbanização de cada região gaúcha requer análise conjunta do índice de urbanização, do número de cidades segundo as classes de população e da taxa de crescimento citadino.

2º – O ritmo de crescimento citadino no período 1960/1980 deve ser analisado considerando o conjunto do Estado, as regiões naturais e ainda os grupos de cidade segundo as classes de população.

3º – O método de análise hierarquia-tamanho auxilia na descrição morfológica das redes urbanas gaúchas.

Como conclusão contextuais distinguem-se as indicadas em seqüência:

1º – Existe correlação mais significativa entre a população urbana e as regiões naturais do que com as microrregiões homogêneas.

2º – Os maiores índices de urbanização se localizam na Depressão Central e na Campanha.

3º – O Planalto que reúne 103 cidades num total de 232, em grande maioria com menos de 10.000 habitantes, tem baixo índice de urbanização.

4º – Apresentam aumento explosivo da população citadina: a Área Metropolitana, Caxias do Sul e Bento Gonçalves. As demais regiões tem crescimento acelerado. Excetuam-se a Campanha e Serras de Sudeste onde as taxas são menores. O Rio Grande do Sul rural é uma área em decréscimo populacional.

5º – As cidades gaúchas entre 1960 e 1980 apresentaram taxas crescentes de população porém, entre as cidades de mais de 10.000 habitantes e, principalmente mais de 100.000, é significativa a proporção das que estão diminuindo o ritmo de crescimento. Decréscimo de população verificou-se entre as cidades de população inferior a 10.000 habitantes.

6º – No Rio Grande do Sul existe proporcionalidade de distribuição das cidades considerando os respectivos números de habitantes. Dominam as cidades pequenas, há um número significativo de cidades médias e oito possuem mais de 100.000 habitantes. Esse quadro não é uniforme quando se detalham regiões urbanas. Entre as redes urbanas são proporcionais a da Depressão Central, Encosta Inferior e Planalto. São incompletas as da Campanha, Encosta Superior, Litoral e Serras de Sudeste.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARDES, Nilo. 1962/63. Bases Geográficas do Povoamento do Estado do Rio Grande do Sul. Separata do *Boletim Geográfico*. Rio de Janeiro, IBGE, 171-2.
- BERRY, Brian J.L. & HORTON, Frank E. 1970. *Geographic Perspectives on Urban Systems*. New Jersey, Prentice-Hall.

COPSTEIN, G. 1970. *Evolução citadina*. In: *Política de Desenvolvimento Urbano*. Porto Alegre, SUDESUL, SERFHAU, UFRGS, v.2.

COPSTEIN, R.; NEVES, G.R.; LUDWIG, G. 1962. *Aspectos Populacionais do Rio Grande do Sul*, 1950/1960. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia, Depto. de Geografia, UFRGS.

COPSTEIN, R. 1970. *Evolução da População Urbana do Estado*. In: *Política de Desenvolvimento Urbano*. Porto Alegre, SUDESUL, SERFHAU, UFRGS. v. 2.

COPSTEIN, R. e G. 1973. *População Urbana Gaúcha*, Subsídios para um Estudo Geográfico. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 18(16).

COSTA, Rogério Haesbert da. 1983. *Rio Grande do Sul: Uma proposta de regionalização*. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, 10-1.

FIBGE. 1981. *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico – Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro, 1(21).

NEVES, G.R. 1984. *Rio Grande do Sul: esvaziamento e explosão*, Inédito.

PEDEBOS, J.R. 1982. *A Dinâmica da População do Rio Grande do Sul entre 1970/80*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 5, Porto Alegre, *Anais...*

SANTOS, M. 1980. *A Urbanização Desigual*. Petrópolis, Vozes.

POPULAÇÃO CITADINA DA REGIÃO NATURAL DA CAMPANHA

CIDADES	Pop. citadina 1970	Pop. citadina 1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1970/1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1960/1970	Pop. citadina s/ total %	Pop. citadina s/ total da região natural %
Alegrete	45.522	54.786	1,85	3,0	78,80	14,77
Bagé	57.036	66.743	1,57	1,7	66,62	17,99
Dom Pedrito	20.522	25.773	2,28	2,8	73,20	6,94
Quaraí	13.373	15.091	1,21	2,3	77,42	4,06
Rosário do Sul	24.393	30.753	2,32	4,3	78,23	8,29
Santana do Livramento	48.448	58.165	1,83	2,5	85,22	15,68
São Gabriel	27.685	40.497	3,80	1,8	71,32	10,91
Uruguaiana	60.667	79.059	2,65	2,2	86,40	21,31

POPULAÇÃO CIDADINA DA REGIÃO NATURAL DA DEPRESSÃO CENTRAL

CIDADES	Pop. Citadina 1970	Pop. Citadina 1980	Taxa Geométrica cresc. anual 1970/1980 %	Taxa Geométrica cresc. anual 1960/1970 %	Pop. Citadina s/ total % 1980	Pop. Citadina s/ total da região natural % 1980
Agudo	1.665	2.436	3,81	3,9	15,56	0,12
Alvorada	39.485	90.446	8,29	11,0	98,86	4,58
Arroio dos Ratos	5.536	8.022	3,71	1,7	83,93	0,40
Barra do Ribeiro	4.678	6.115	2,68	2,3	58,27	0,31
Bom Retiro do Sul	2.387	3.524	3,90	1,7	39,83	0,17
Butiá	12.937	13.002	0,05	3,4	61,36	0,65
Cacequi	9.976	10.331	0,35	1,6	67,83	0,52
Cachoeira do Sul	50.001	50.967	1,82	2,5	64,25	3,04
Cachoeirinha	29.977	62.781	7,39	10,0	99,29	3,18
Canoas	148.798	214.115	3,63	4,0	97,07	10,85
Dona Francisca	1.063	1.016	-0,44	-	32,52	0,05
Esteio	32.885	50.216	4,23	4,1	98,51	2,54
Faxinal do Soturno	1.886	2.571	3,10	1,6	29,20	0,13
Formigueiro	973	961	-0,13	8,2	12,22	0,04
General Câmara	3.772	3.408	-0,92	0,3	29,04	0,17
Gravatá	12.117	24.982	7,24	7,9	23,24	1,26
Guafba *	19.494	36.543	6,28	8,7	66,40	1,85
Mata	1.099	1.689	4,39	0,8	27,39	0,08
Porto Alegre	869.795	1.108.883	2,43	3,2	98,49	56,24
Restinga Seca	2.247	4.610	7,18	3,5	31,94	0,23
Rio Pardo	16.857	18.370	0,86	1,5	36,68	0,93
Santa Maria	120.667	151.202	2,26	4,2	83,22	7,66
São Jerônimo	7.605	10.009	2,75	3,1	21,36	0,50
São Pedro do Sul	5.702	7.620	2,90	2,9	36,27	0,38
São Sepé	7.602	10.805	3,52	4,1	40,17	0,54
São Vicente do Sul	2.216	3.192	3,65	0,8	27,39	0,16
Taquari	8.553	12.504	3,80	4,8	43,18	0,63
Triunfo	4.072	5.143	2,34	5,5	37,10	0,26
Viamão	8.055	47.193	18,00	7,1	40,08	2,39

* com distritos de Bom Retiro do Guafba e Sans-Souci

POPULAÇÃO CIDADINA DA REGIÃO NATURAL DA ENCOSTA INFERIOR

CIDADES	Pop. citadina 1970	Pop. citadina 1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1970/1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1960/1970	Pop. citadina s/ total %	Pop. citadina s/ total da região natural %
Anta Gorda	528	783	3,94	-0,3	10,98	0,11
Arroio do Meio	2.824	4.827	5,36	2,4	25,22	0,70
Arroio do Tigre	627	1.928	10,00	3,6	11,91	0,28
Arvorezinha	1.388	2.840	7,16	1,8	19,08	0,41
Campo Bom	14.777	32.216	7,79	6,9	95,23	4,71
Candelária	3.819	7.048	6,13	2,7	26,75	1,03
Canela	8.517	16.580	6,66	1,8	86,06	2,42
Cruzeiro do Sul	1.455	2.051	3,43	0,2	21,94	0,30
Dois Irmãos	2.119	6.841	12,00	0,06	44,94	1,00
Encantado	5.441	9.149	5,20	1,7	51,39	1,33
Estância Velha	7.707	13.027	5,20	5,0	91,35	1,90
Estrela	7.489	13.088	5,58	2,5	34,99	1,91
Feliz	1.512	2.522	5,12	3,7	18,97	0,36
Gramado	4.466	10.218	8,28	3,3	62,73	1,49
Igrejinha	2.978	8.385	10,00	9,0	69,66	1,22
Itópolis	717	944	2,75	0,2	26,10	0,13
Ivoti	1.974	3.878	6,75	0,1	43,74	0,56
Lajeado	15.309	29.291	6,49	5,4	45,97	4,28
Montenegro	21.497	27.246	2,37	3,9	55,72	3,98
Nova Brésia	846	773	0,83	0,07	11,06	0,11
Nova Petrópolis	2.097	2.556	1,98	5,8	18,46	8,37
Novo Hamburgo	81.248	132.066	4,86	5,7	96,72	19,33
Portão	4.509	7.943	5,66	-	72,90	1,16
Putinga	617	758	2,06	2,4	24,97	0,11
Roca Sales	2.000	2.266	1,25	3,3	36,68	0,33
Rolante	1.663	3.881	8,48	0,4	32,92	0,56
Salvador do Sul	552	1.078	6,69	0,7	7,52	0,15
Santa Cruz do Sul	30.496	52.050	5,35	4,7	52,22	7,61
Sto. Antonio da Patr.	12.095	12.939	0,67	2,7	31,28	1,89
São Leopoldo	62.861	94.864	4,12	4,2	96,22	13,88
São Sebastião do Caí	5.643	8.410	3,99	1,7	30,93	1,23
Sapiranga	10.283	27.782	9,94	6,2	74,51	4,06
Sapucaia do Sul	41.154	78.884	6,51	8,1	99,35	11,54
Sobradinho	5.279	7.466	3,47	4,8	25,71	1,09
Taquara	15.311	29.433	6,54	3,0	71,13	4,30
Três Coroas	2.404	6.860	10,00	4,0	65,52	1,00
Venâncio Aires	9.968	15.447	4,38	3,7	31,94	2,26
Vera Cruz	2.260	4.770	5,84	6,1	34,23	0,69

POPULAÇÃO CIDADINA DA REGIÃO NATURAL DA ENCOSTA SUPERIOR
E PLANALTO DE NORDESTE

CIDADES	Pop. citadina 1970	Pop. citadina 1980	Taxa geométrica cresc. anual% 1970/1980	Taxa geométrica cresc. anual% 1960/1970	Pop. citadina s/total% 1980	Pop. citadina s/total da região 1980
Antonio Prado	3.582	4.170	2,74	2,6	36,18	1,13
Barracão	760	1.482	6,68	2,3	20,69	0,35
Bento Gonçalves	18.879	40.323	7,77	3,2	68,40	9,72
Bom Jesus	5.759	6.365	1,00	4,0	37,91	1,53
Cacique Doble	714	1067	4,92	2,8	17,77	0,25
Cambará do Sul	924	1.509	4,91	1,6	22,26	0,36
Carlos Barbosa	3.376	6.300	6,24	4,2	46,08	1,51
Casca	839	2.079	9,17	-1,2	14,53	0,50
Caxias do Sul*	111.688	198.824	5,77	5,7	90,08	47,94
Esmeralda	1.339	1.501	1,14	9,3	23,50	0,36
Farroupilha	6.481	15.883	8,96	3,4	54,84	3,83
Flores da Cunha	3.383	5.138	4,18	2,9	33,19	1,23
Garibaldi	6.913	10.754	4,42	1,2	46,68	2,59
Guaporé	6.916	10.075	-3,76	0,7	40,93	2,42
Ibiacá	929	1.515	4,89	1,5	22,49	0,36
Ibiraiaras	733	1.387	6,38	3,8	18,19	0,33
Lagoa Vermelha	12.086	16.168	1,29	3,3	57,08	3,89
Machadinho	1.295	1.848	3,56	4,8	22,82	0,44
Muçum	1.900	2.527	2,86	1,0	32,00	0,60
Novo Araçá	474	1.027	7,73	0,4	45,38	0,24
Nova Bassano	966	1.559	4,79	-0,1	24,84	0,37
Nova Prata	5.382	7.430	3,22	2,6	35,23	1,79
Paim Filho	1.388	1.533	0,99	0,9	14,40	0,36
Paráí	597	817	3,14	2,2	18,02	0,17
Sananduva	4.730	4.792	0,13	3,1	34,94	1,15
São Francisco de Paula	5.210	7.986	4,27	-0,2	34,46	1,92
São José do Ouro	1.820	3.009	5,03	5,6	24,50	0,72
São Marcos	4.394	7.731	5,65	3,7	65,41	1,86
Serafina Corrêa	1.768	3.529	6,91	4,7	37,81	0,85
Vacaria	25.162	37.370	3,96	4,8	63,73	9,01
Veranópolis	5.457	8.448	4,37	1,2	36,36	2,03

* c/ pop. de Forqueta, Galópolis e Ana Rech

POPULAÇÃO CIDADINA DA REGIÃO NATURAL DO LITORAL

CIDADES	Pop. citadina 1970	Pop. citadina 1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1970/1980	Taxa geométrica cresc. anual % 1960/1970	Pop. citadina s/ total %	Pop. citadina s/ total da região natural %
Mostardas	1.003	1.638	4,91	5,6	12,60	0,84
Osório	8.955	17.462	6,68	4,4	28,86	9,05
* Rio Grande	100.592	124.706	2,15	1,8	85,29	64,64
Santa V. do Palmar	10.879	14.758	3,05	2,8	54,31	7,64
São José do Norte	4.245	7.302	5,42	3,8	33,57	3,78
Torres	6.002	13.809	8,33	2,3	33,16	7,15
Tramandaí	8.685	13.244	4,22	8,4	68,86	6,86

* c/ pop. dist. anexado de Cassino

POPULAÇÃO CIDADINA DA REGIÃO NATURAL DAS SERRAS DE SUDESTE

CIDADES	Pop. citadina 1970	Pop. citadina 1980	Taxa geométrica cresc. anual% 1970/1980	Taxa geométrica cresc. anual% 1960/1970	Pop. citadina s/total% 1980	Pop. citadina s/total da região natural % 1980
Arroio Grande	8.285	10.047	1,93	3,8	60,37	2,99
Caçapava do Sul	9.528	15.180	4,66	3,5	45,95	4,53
Camaquã	19.771	28.078	3,51	7,0	48,92	8,38
Canguçu	5.262	8.867	5,22	4,7	15,87	2,64
Dom Feliciano	672	1.023	4,20	0,7	8,10	0,36
Encruzilhada do Sul	6.706	7.908	1,65	1,2	28,54	2,36
Ervai	1.955	2.661	3,08	3,3	36,54	0,79
Jaguarão	16.541	18.185	0,95	2,9	78,17	5,42
Lavras do Sul	3.910	3.976	0,16	1,6	43,19	1,18
Pedro Osório	7.4170	8.829	1,67	0,9	58,71	2,63
Pelotas	150.278	197.092	2,71	2,1	75,75	58,82
Pinheiro Machado	3.905	5.207	2,88	4,2	36,25	1,55
Piratini	2.825	5.008	5,73	4,0	24,91	1,49
Santana da Boa Vista	1.229	1.767	3,63	0,9	19,79	0,52
São Lourenço do Sul	9.255	13.251	3,59	2,9	31,88	3,95
Tapes	6.188	7.979	2,66	1,8	33,63	2,38

FIG. 3 - RITMO DE CRESCIMENTO CIDADINO RIO-GRANDENSE - 1960/1980

FIG. 4 - RITMO DE CRESCIMENTO CIDADINO RIO-GRANDENSE POR REGIÕES NATURAIS - 1960/1980 .

FIG. 5 - RITMO DE CRESCIMENTO CIDADINO RIO-GRANDENSE POR REGIÖES NATURAIS - 1960 / 1980

FIG. 6 - PERFIL DAS REDES URBANAS RIO-GRANDENSES POR REGIÕES NATURAIS - 1980.

FIG. 7 - PERFIL DAS REDES URBANAS RIO-GRANDENSES POR REGIÕES NATURAIS - 1980